



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

AMANDA SIMARA OLIVEIRA LEITE

**PERCEPÇÕES DISCURSIVAS DOS AUXILIARES DE TURMA DA
EDUCAÇÃO BÁSICA: A RESPONSABILIZAÇÃO INCLUSIVA DO
ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA**

MOSSORÓ

2022

AMANDA SIMARA OLIVEIRA LEITE

**PERCEPÇÕES DISCURSIVAS DOS AUXILIARES DE TURMA DA
EDUCAÇÃO BÁSICA: A RESPONSABILIZAÇÃO INCLUSIVA DO
ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Orientadora: Prof. Ma. Sara Cristina dos Santos Freires.

MOSSORÓ

2022

AMANDA SIMARA OLIVEIRA LEITE

**PERCEPÇÕES DISCURSIVAS DOS AUXILIARES DE TURMA: A
RESPONSABILIZAÇÃO INCLUSIVA DO ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Defendida em: 25 11/2022.

BANCA EXAMINADORA

Nome do Orientador, Prof. Ma. (UFERSA)
Presidente

Nome do Examinador Interno, Prof. Dr. (UFERSA)
Membro Examinador

Nome do Examinador Externo, Prof. Dr. (UFXYZ)
Membro Examinador

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

L533p Leite, Amanda Simara Oliveira.
PERCEPÇÕES DISCURSIVAS DOS AUXILIARES DE TURMA
DA EDUCAÇÃO BÁSICA: A RESPONSABILIZAÇÃO INCLUSIVA
DO ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA / Amanda Simara
Oliveira Leite. - 2022.
37 f. : il.

Orientadora: Sara Cristina dos Santos Freires.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,
2022.

1. Educação especial. 2. Responsabilização
inclusiva. 3. Auxiliar de turma. I. Freires, Sara
Cristina dos Santos, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva
CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

A Deus por ter me feito forte e não ter permitido que eu desistisse, até mesmo nos momentos mais difíceis e dolorosos.

A toda minha família, em especial a minha avó Francisca que não mediu esforços para que eu concluísse a graduação e ao meu avô João (*In Memoriam*) exemplo de honestidade e coragem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família em especial minha avó Francisca e as minhas tias Neuma, Nilza e Nira pelo exemplo de coragem e força.

Agradeço a Joyce Aiane e a Daurenisa Ribeiro por me acolherem no início da graduação possibilitando que eu seguisse com esse sonho. Jamais esquecerei do quanto fizeram por mim, de coração, obrigada!

Agradeço a Ellen Rebouças e a Juliana Mateus pela amizade constituída na residência acadêmica e que pretendo levar pra vida. Sou grata pela amizade que perpassa o ambiente institucional e que tanto agrega a minha vida! Obrigada por tanto!

Agradeço a Narielly Lopes e Alcivânia Nunes por todas as coisas que já vivemos na universidade e fora dela também! Acredito que a graduação nos possibilitou uma aproximação ainda maior do que a que já tínhamos. Vocês são especiais. Obrigada!

Agradeço a Carla Mayara, Kesia Tally e Maria Romana por todo apoio, pela escuta e amizade que fizemos. Agradeço por terem me ajudado em uma das fases mais desafiadoras da minha vida! Vocês são incríveis!

Agradeço a Pablo Vinícius pessoa com quem tive a honra de vivenciar momentos únicos e especiais. Obrigada por todo carinho e afeto!

Agradeço a minha orientadora Sara Freires por ser uma pessoa extremamente compreensiva, por tornar essa escrita mais leve e menos angustiante. Agradeço por ter aceitado o meu convite e por todas as contribuições feitas! Obrigada por tudo!

Agradeço a Banca Examinadora por se disporem a tecer contribuições ao meu trabalho. Obrigada!

Agradeço aos meus colegas de turma e a todos os professores da LEDOC pela partilha de conhecimentos e trocas de experiências.

Agradeço a Deus porque ele sabe todas as coisas e dele provem tudo o que precisamos!

[..] A nação que investe em sua gente
nunca tem desperdício ou prejuízo.
Observo atento e analiso:
só se muda agindo diferente.
O poder de um povo está na mente,
é a chave que abre essa prisão,
é a luz que aponta a direção
pra seguir por qualquer estrada escura.
Um país desnutrido de leitura
Só se salva comendo educação.

(Braulio Bessa, Fome de educação)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso discute sobre a educação especial na perspectiva da inclusão, com ênfase na atuação dos auxiliares de turma da educação básica em uma escola da rede municipal de ensino do Município de Mossoró no estado do Rio Grande do Norte. Tem como objetivo principal identificar os discursos dos auxiliares de turma sobre o processo de responsabilização inclusiva do estudante com deficiência na referida instituição de ensino. Justifica-se que a relevância deste trabalho se dá à medida em que se faz importante dar voz a esses sujeitos na busca pela compreensão da forma como ocorre sua atuação nessa área, uma vez que essa atividade se constitui como um elemento de destaque para a promoção da inclusão. Salientamos que como percurso metodológico optamos pela utilização da pesquisa qualitativa com aplicação de questionário com vistas a identificar os elementos trazidos pelos sujeitos da pesquisa. Como resultado se foi possível constatar que há uma carência no tocante a educação especial e que a responsabilidade inclusiva do estudante com deficiência recai sobre o auxiliar que quase não possui instrução para lidar com a educação inclusiva, de forma que o estudante com deficiência fica a mercê da escola e pessoas envolvidas no processo educacional.

Palavras-chave: Educação especial. Responsabilização inclusiva. Auxiliar de turma.

ABSTRACT

This course completion work discusses special education from the perspective of inclusion, with emphasis on the performance of class assistants in a school in the municipal teaching network of the Municipality of Mossoró in the state of Rio Grande do Norte. Its main objective is to identify the discourses of class assistants about the process of inclusive responsibility for students with disabilities in the aforementioned educational institution. It is justified that the relevance of this work is due to the fact that it is important to give voice to these subjects in the search for the understanding of the way in which their performance in this area occurs, since this activity constitutes a prominent element for the promotion of inclusion. We point out that as a methodological path we opted for the use of qualitative research with the application of a questionnaire in order to identify the elements brought by the research subjects. As a result, it was possible to verify that there is a lack regarding special education and that the inclusive responsibility of the student with a disability lies with the assistant who has almost no instruction to deal with inclusive education, so that the student with a disability is at the mercy of the school and people involved in the educational process.

Keywords: Special education. inclusive accountability. Class assistant.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE Atendimento educacional especializado

LIBRAS Língua Brasileira de Sinais

RN Rio Grande do Norte

TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. A PRÁTICA DISCURSIVA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	14
2.1 Práticas inclusivas na escola	15
2.2 Atendimento ao estudante com deficiência	18
3. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	21
3.1 A instituição de ensino	21
3.2 Os sujeitos da pesquisa.....	21
4. PERCEPÇÕES DISCURSIVAS DOS AUXILIARES DE TURMA.....	23
4.1 Da preparação dos sujeitos para atuação enquanto auxiliar de turma.....	24
4.2 A atuação dos auxiliares de turma	25
4.3 Relações estabelecidas entre professor titular o auxiliar e estudante com deficiência.....	28
4.4 Percepções dos auxiliares acerca do processo de inclusão escolar	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	37

1. INTRODUÇÃO

Compreendemos a educação como uma ferramenta muito importante no tocante a diminuição das desigualdades sociais e reorganização da sociedade. Entretanto, para que a educação cumpra com aquilo que é sua função, a mesma precisa estar alinhada com o público ao qual pretende alcançar, de forma que as instituições de ensino possam dispor de metodologias que englobem os mais diversos públicos, tendo em vista a pluralidade encontrada nesses espaços de ensino.

Nesse sentido, o presente trabalho pretende tratar questões relacionadas aos auxiliares de turma acerca de como ocorre a sua atuação no processo de inclusão de estudantes com deficiência na rede básica de ensino, enfatizando as atividades desenvolvidas em uma escola localizada na cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte. Temos como principal objetivo identificar os discursos dos auxiliares de turma a respeito do processo de responsabilização da inclusão escolar dos estudantes com deficiência.

O processo de inclusão escolar da pessoa com deficiência se caracteriza como uma política essencial, uma vez que se configura como um direito importante, o qual lhes fora negado durante muito tempo. Estar na escola regular é primordial para estudantes com deficiência, principalmente em se tratando do processo de ensino-aprendizagem e interação com outras crianças. Para que possa haver eficácia nesse processo, se faz necessário uma atuação de forma integrada, contando com o suporte da família e comunidade escolar visando proporcionar uma educação eficaz e de qualidade.

É bem verdade que o fazer pedagógico se constitui como uma tarefa que exige muita atenção e cuidado, a medida em que deve partir sempre das necessidades dos estudantes. A elaboração, planejamento e efetivação de uma educação não se faz do dia para noite, tão pouco, sem se pensar nos sujeitos aos quais estarão inseridos nos contextos escolares e de aprendizagem. Pensando em tais questões é que pretendemos aqui responder a problemática da nossa pesquisa, sendo ela: Quais os discursos dos auxiliares de turma frente a responsabilização inclusiva dos estudantes com deficiência?

Para que pudéssemos fazer uma análise dos discursos, foi fundamental a realização de uma pesquisa com os auxiliares lotados em uma instituição de ensino fundamental localizada no estado do Rio Grande do Norte. Como bem sabemos, o papel do profissional de apoio escolar e/ou auxiliar de turma, como o nome já sugere, é atuar prestando auxílio ao estudante com deficiência no desenvolvimento de atividades em

sala. Desse modo, o auxiliar se configura como um elemento chave para a promoção da inclusão, uma vez em que presta assistência e dá suporte que o estudante precisa para seu desenvolvimento. Cabe destacar que a presença do auxiliar em sala não anula a responsabilidade que o professor titular possui para com esses estudantes.

Nesse cenário, vale frisar a relevância do profissional auxiliar e de seu trabalho. Este, se faz muito importante à medida em que juntamente com a equipe pedagógica das instituições de ensino visam elaborar as estratégias a fim de assegurar o desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes que são público da educação especial. Justamente pensando nessas questões que pretendemos fazer a identificação dos discursos uma vez que precisamos dar voz a esses profissionais para compreendermos como é desempenhado o seu papel na promoção da inclusão escolar.

Para tanto, nas sessões seguintes organizamos nossa pesquisa de modo que, traremos inicialmente discussões sobre a prática discursiva na formação de professores, práticas inclusivas na escola, o atendimento ao estudante com deficiência. Na segunda seção trazemos os apontamentos metodológicos da pesquisa, o corpus e os sujeitos da pesquisa. Por fim, subdividido em quatro seções, os discursos dos auxiliares de turma acerca da responsabilização inclusiva dos estudantes com deficiência.

2. A PRÁTICA DISCURSIVA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Muitos desafios cercam a profissão docente. Muito embora seja uma tarefa gratificante, à medida em que o professor é o profissional que forma as profissões, também se configura como uma atividade bastante desafiadora, sendo de grande importância para o desenvolvimento da sociedade. Para o exercício da docência é necessário passar por um processo formativo que inclui disciplinas de base do referido curso bem como as discussões para a prática docente em sala de aula. Além desse processo, o então professor precisa constantemente estudar e reformular suas práticas e metodologias pensando sempre no seu alunado.

A escola é um ambiente plural e heterogêneo, logo, o docente necessitará de empenho e estratégias para montar suas aulas de forma a contemplar as particularidades da sala de aula. Com o tempo, as práticas precisaram ser ressignificadas e o professor necessita de formações continuadas para se adequar aos estudantes e buscar adentrar em suas realidades, para assim desenvolver uma aprendizagem significativa.

Entende-se que a formação contínua desses professores, dada sua relevância, possibilita trocas de conhecimentos através das relações que se estabelecem no ambiente escolar, que possui seus encantos, e apesar dos desafios, torna-se fascinante e enigmática. Os professores são as principais referências para influenciar positivamente o processo de ensino, e precisam aprender sempre mais. (FREIRE et al. s/p. 2020)

Ao participar de atividades de formação continuada, os professores estão também trocando experiências discutindo suas práticas com os demais colegas e levando suas inquietações para os momentos de formação na escola ou fora dela e isso se faz muito importante para o exercício da docência. No entanto, um fator que pode dificultar o desenvolvimento de um trabalho com excelência está no fato de que muitos professores adotam discursos de que não foram preparados e/ou capacitados para situações adversas, e nesse cenário acabam por se acomodar e não buscar a reformulação de suas práticas. Essa questão pode interferir bastante na qualidade de ensino e até mesmo em uma prática educativa inclusiva.

E de que forma a prática discursiva desmotivadora pode interferir na formação docente? Não é difícil nos depararmos com professores em exercício de sua profissão se queixando de que não conseguem desenvolver atividades com estudantes com deficiências porque não foram preparados para essa situação. Esta prática congela a proatividade de professores em formação dando a entender a pouca importância de

novas formas de ensinar e aprender no contexto da educação inclusiva, aqui pauta de nosso trabalho.

A exemplo desses apontamentos citados acima, trazemos esse relato de umas das pessoas entrevistadas em nossa pesquisa, onde ela aponta para o fato de que “Os professores não tem a menor instrução e nem vontade de aprender como ensinar crianças com necessidades especiais, os poucos que tem interesse não passam disso, a própria escola não demonstra interesse algum.” (LUPITA)

O trabalho excessivo, as duplas jornadas de trabalho muitas vezes não possibilitam que esses busquem por atividades de formação continuada e reformulações da ação docente.

Em linhas gerais, o professor não deve enclausurar-se em uma rotina absurdamente fechada, é preciso lhe ceder espaço para formação, buscando apoio dentro do sistema educacional e reforço assistido pelos órgãos responsáveis em função da formação de qualidade que se almeja para as escolas brasileiras. (FREIRE et al. s/p. 2020)

O compromisso com a educação de qualidade e com a eficácia não pode ser só de responsabilidade do professor, sabemos que o Estado deve atuar frente à promoção de oportunidades para formação continuada destes. Enquanto o docente deve por sua vez, estar aberto para as novas concepções de educação, abandonar velhos hábitos e desconstruir preconceitos e discursos prontos, só assim, se pode ter uma educação plena, efetiva e de qualidade que é tão almejada.

2.1 Práticas inclusivas na escola

Após a discussão anterior da prática discursiva de professores, faz-se inerente compreendermos esse cenário no contexto da inclusão escolar na perspectiva da educação especial que é algo que demanda tempo e empenho, assim como, uma ampla reestruturação das atividades escolares, não podendo ser feita de uma hora para outra. Para isso, é necessário que se tenha um engajamento mútuo dos distintos segmentos, o Estado deve atuar com a criação de políticas públicas e efetivas que visem a promoção de uma escola mais inclusiva, proporcionando assim, condições para que professores e gestores possam ser capacitados para lidar com os mais distintos públicos aos quais a escola atende.

A esta, cabe a adoção de medidas que garantam a inserção de métodos eficazes para o atendimento das necessidades educacionais dos estudantes garantindo assim o acesso e permanência destes, as famílias e os próprios estudantes precisam estar

inseridos nesse cenário para que em conjunto com a escola possam traçar caminhos que visem a promoção de uma educação que venha a atender as expectativas daqueles que buscam junto a ela uma educação eficaz e inclusiva.

Quando falamos de educação para a inclusão, tratamos de algo que contemple as diversidades existentes em nossa sociedade. A inclusão se faz à medida em que se pensa nas mais diversas parcelas da sociedade, buscando de fato incluir sem segregar independente de qualquer característica ou condição. Compreendendo que a ação inclusiva se trata de um processo ao qual visa englobar todos os que da escola fazem parte, e dela necessitam para a promoção de seu desenvolvimento seja intelectual ou social.

Cabe destacar entre essas, a educação especial na perspectiva da inclusão. Entende-se por educação especial a modalidade de ensino que visa garantir o acesso e permanência dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades e superdotação nas classes regulares de ensino. (Grifo meu). Isso se dá através da implementação de metodologias, adaptações curriculares e estruturais e o trabalho colaborativo entre os profissionais que atuam na educação, profissionais de saúde, as famílias e os estudantes.

Salienta-se que o processo de inserção de pessoas com deficiência na rede regular de ensino não foi algo que se deu de forma linear, ao longo das décadas foram sendo implementadas leis para que as pessoas com deficiência pudessem estar nas salas de aula da rede básica de ensino. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva ¹ explica que:

A educação especial se organizou tradicionalmente como atendimento educacional especializado substitutivo ao ensino comum, evidenciando diferentes compreensões, terminologias e modalidades que levaram a criação de instituições especializadas, escolas especiais e classes especiais. (BRASIL, 2008)

Como foi observado, de maneira inicial, foram criadas instituições específicas para o atendimento de pessoas com deficiências, as ditas classes especiais, onde o atendimento ocorria de acordo com a deficiência. Assim, existiam as instituições para surdos, cegos, a segregação ocorria conforme as suas especificidades, ficando a cargo dessas instituições o processo de escolarização destes. Entretanto, após um longo processo de implementação de leis, é que foi efetivado o direito da inserção da pessoa com deficiência na rede regular de ensino.

¹ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>

Ainda com base na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva destaca-se que:

Por muito tempo perdurou o entendimento de que a educação especial organizada de forma paralela à educação comum seria mais apropriada para a aprendizagem dos alunos que apresentavam deficiência, problemas de saúde, ou qualquer inadequação com relação à estrutura organizada pelos sistemas de ensino. Essa concepção exerceu impacto duradouro na história da educação especial, resultando em práticas que enfatizavam os aspectos relacionados à deficiência, em contraposição à dimensão pedagógica. (BRASIL, 2008)

Ou seja, o fator condicionante para a atividade educacional era a deficiência e não questões pedagógicas. Porém, a eficácia da educação para a promoção da inclusão de pessoas com deficiência se faz à medida em que se tem uma equipe de multiprofissionais atuando para isso, é necessário que os profissionais de atendimento educacional especializado (AEE) tracem juntamente com o professor das turmas regulares, medidas e metas afins de alcançar o desenvolvimento dos educandos com deficiência, o que não ocorria tempos atrás.

Assim como, o processo de interação entre o professor da sala regular e do profissional de atendimento educacional especializado, se faz muito importante à medida em que juntos podem traçar objetivos e metas para alcançar o desenvolvimento eficaz dos estudantes público da educação inclusiva. Nesse sentido, para a promoção da educação especial é essencial que haja adequações e adaptações curriculares e de metodologias a serem usadas pelos professores, bem como, atividades que visem desenvolver as habilidades e potencialidades dos educandos. Para tanto, se faz necessário que:

Para nortear as ações pedagógicas do professor e a elaboração das adaptações curriculares é recomendado que seja feita uma avaliação diagnóstica do aluno, sempre que possível com o auxílio de um professor especialista e de uma equipe multidisciplinar, possibilitando, assim, que o professor tenha o maior número possível de informações a respeito da deficiência e das dificuldades e necessidades de aprendizagem do aluno, viabilizando a implementação de ações mais efetivas quanto à aprendizagem. (ZANATO; GIMENEZ, p. 297, 2017)

Assim sendo, percebemos a relevância de uma equipe com diversos profissionais que estejam aptos para trabalharem com esses estudantes identificando suas potencialidades buscando desenvolver uma atuação eficaz. Dessa forma, se caracteriza como práticas inclusivas na escola, o trabalho colaborativo, o atendimento educacional especializado, modificações no conteúdo a fim de torná-los mais acessíveis, as mudanças que venham a ser feitas na estrutura da escola para possibilitar maior

possibilidades de locomoção e autonomia aos estudantes, a disponibilização de tradutores e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais, a presença do profissional de apoio escolar/auxiliar de turma, dentre outros elementos que se observe a necessidade.

2.2 Atendimento ao estudante com deficiência

Tendo feito a discussão sobre as práticas inclusivas na escola, buscamos agora discorrer sobre o atendimento ao estudante com deficiência. Sabe-se que essa medida se constitui como fator essencial para que seja efetivado o direito ao qual pessoas com deficiência possuem a educação, promover a inclusão delas nas escolas vai muito além do fato de inseri-las nas salas comuns. É necessário proporcionar condições para que esses estudantes possam se desenvolver buscando sua autonomia, isso se dá a partir da adoção de uma série de medidas. A Lei Brasileira de Inclusão em seu Art. 28 nos itens I, II e III estabelece que:

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar:

I - sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida;

II - aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena;

III - projeto pedagógico que institucionalize o atendimento educacional especializado, assim como os demais serviços e adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia; [...] (BRASIL, 2015).

Como vimos, é preciso desde adoções de medidas que deem condições aos estudantes para que cheguem nas escolas, por meio da acessibilidade, a implementações curriculares para satisfazer as necessidades dos educandos. A Lei Brasileira de Inclusão (2015) enfatiza que deve ser assegurado pelo Estado a garantia de ensino em todas as etapas do desenvolvimento, desde os anos iniciais, a nível superior. Também deve ser feita as devidas alterações e adaptações nas instituições de ensino para que seja possível a locomoção e acesso das pessoas com deficiência.

Isso porque, durante muito tempo o espaço destinado para o ensino-aprendizagem dessas pessoas, eram locais construídos unicamente pensados em suas deficiências. Somente com o avanço da legislação é possível que direitos básicos como o da educação, sejam assegurados por lei. Enfatizamos que a interação dos estudantes com deficiência e sem deficiência se faz estritamente necessário para que todos possam

se desenvolver mutuamente por meio da aprendizagem colaborativa onde todos possam ser acolhidos sem discriminação.

Vale ressaltar que, além do fato de os estudantes com deficiência estarem matriculados na sala comum, devem em seu contraturno participar do atendimento educacional especializado (AEE), onde há a garantia da atuação de um profissional especializado para lidar com as especificidades da educação especial. Trabalhando a partir das demandas observadas para que possa traçar um plano de atendimento individual com vistas a atuar juntamente com os demais professores sob uma ótica que priorize o desenvolvimento pleno do estudante com deficiência a partir das especificadas analisadas.

Muito embora nem todas as escolas disponibilizem uma sala de recursos multifuncionais e de profissionais capacitados para atuarem no AEE, é imprescindível que a família possa buscar um local próximo que disponha desse atendimento para possibilitar o acesso desse serviço a pessoa com deficiência. As Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial estabelece como atribuições do professor do AEE em seu O Art. 13 itens I II III IV:

Art. 13. São atribuições do professor do Atendimento Educacional Especializado:

I – identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial;

II – elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade;

III – organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais;

IV – acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola; [...] (BRASIL, 2015)

Ou seja, para atender as demandas da educação especial, o profissional do AEE precisa lançar mão de estratégias e desenvolver métodos em que estimule a compreensão e aprendizagem dos estudantes trabalhando a partir das necessidades de cada um, além de fazer as avaliações de tais medidas e recursos. São alternativas, o plano de atendimento individual, que se faz essencial para trilhar o caminho da aprendizagem, o uso de tecnologia assistiva, adaptação de matérias e atividades e o trabalho colaborativo entre profissionais.

É dever das escolas proporcionar o atendimento educacional especializado com uma sala equipada para se trabalhar com os estudantes, a sala de recursos

multifuncionais, que deve dispor de tecnologias desenvolvidas para se trabalhar na perspectiva da educação especial para a inclusão. Assim, o estudante precisa estar matriculado na sala regular e no AEE. Muitas escolas não dispõem desses recursos sendo necessário que as famílias busquem esse atendimento específico em uma outra instituição de ensino como centros específicos e/ou escolas.

É importante lembrar ainda que o AEE não substitui a sala regular de ensino, e sim ambas se complementam. Sobretudo, considerando o fato de que cada sujeito é único, sendo que as suas necessidades e especificidades precisam ser atendidas pela escola, por isso o trabalho colaborativo entre os profissionais e instituições é muito valioso, uma vez que não cabe ao estudante adaptar-se à escola, a instituição é que precisa estar preparada para recebê-los.

Nessa perspectiva, é de vital importância refletir sobre a forma adequada de desenvolver o aprendizado das crianças com necessidades especiais incluídas em turmas comuns, e cuidar para que a inclusão realmente aconteça. Para isso, é necessário que os responsáveis por esse processo tenham conhecimento e capacitação para implementação da proposta e consciência de suas obrigações e limites de atuação. (Cunha, p. 4. 2012)

Um outro elemento de destaque são os profissionais de apoio escolar para aqueles estudantes que precisam de maiores cuidados, como locomoção, alimentação e higiene, possibilitando até mesmo as crianças que possuem menos autonomia possam estar inseridas no contexto escolar. Mais à frente em nossa pesquisa, pretendemos de forma mais detalhada dialogar sobre as atribuições do profissional de apoio escolar, como acontece de fato a sua atuação em determinados locais, e qual papel esses profissionais de fato têm desenvolvido para proporcionar uma eficácia na aprendizagem e na inclusão.

3. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nessa seção, discutiremos sobre como se deu o percurso metodológico. Vale evidenciar que optamos pela realização de uma pesquisa qualitativa onde adotamos o uso de um questionário contendo dez perguntas abertas a fim de identificar os discursos dos auxiliares de turma acerca do processo de inclusão dos estudantes com deficiência que são públicos alvo da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. O estudo foi realizado com sete auxiliares de turma lotados em uma escola municipal da rede básica de ensino da cidade de Mossoró no estado do Rio Grande do Norte/RN.

A adoção de um método qualitativo se deu uma vez que: “Estudos com essa abordagem objetivam o aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno.” (MUSSI et al., p. 422, 2019). Com a realização dessa pesquisa pretendemos dar voz aos sujeitos pesquisados acerca de um processo ao qual os mesmos estão inseridos e são elementos de grande relevância para que a inclusão aconteça.

3.1 A instituição de ensino

Com intuito de preservar a instituição, como também os participantes da pesquisa, não faremos a identificação da mesma. No entanto, salientamos que a escola de ensino fundamental tem seu funcionamento em um prédio alugado pela prefeitura no município de Mossoró – RN. É uma escola bastante ampla possuindo uma estrutura apta para receber até 722 alunos com oferta de ensino se dá desde o 1º ao 5º ano, no turno vespertino e 6º ao 9º ano no matutino. A escola atende, hoje, pouco mais de 400 alunos distribuídos em 21 turmas de Ensino Fundamental (1º ao 9º ano), contando com cerca de 30 servidores. De acordo com informações buscadas no site oficial da prefeitura de Mossoró.²

3.2 Os sujeitos da pesquisa

Em se tratando dos sujeitos pesquisados, faz-se importante destacar que a escola possui em sua totalidade, na ocasião da investigação, nove auxiliares de turma. Dos quais sete participaram da pesquisa, quanto ao restante, não foi possível estabelecer contato. No que se refere ao perfil dos sujeitos, todos são discentes de graduação da

² Disponível em: <https://www.prefeiturademossoro.com.br/mossoro-digital#educacao>

mesma instituição pública de ensino superior, sendo eles de distintos períodos oriundos de cursos de licenciatura. Destaca-se a participação de acadêmicos dos cursos de História, Filosofia, Letras espanhol, e Ciências sociais.

A investigação se deu somente com os auxiliares do turno matutino que atendem o público alvo do ensino fundamental II, ou seja, do 6º ao 9º ano. Isso porque, a escolha dos sujeitos justifica-se por duas razões: as séries atendidas pelos mesmos são condizentes com o objeto de pesquisa, bem como, pelas considerações de atuação da autora enquanto auxiliar na referida instituição. Consideramos ainda as falas dos auxiliares de que prestam um papel tão significante na promoção da inclusão escolar dos estudantes com deficiência.

O contato se deu entre os dias 19/10/2022 e 20/10/2022 de forma presencial e também por meio de aplicativos de mensagens onde se foi compartilhado link do formulário online para que eles respondessem. O uso do formulário online se deu por se tratar de uma coisa mais prática que permitiria aos participantes uma maior flexibilidade no momento de responder, à medida que poderiam fazer seus apontamentos de forma mais calma. Ao final do dia 20/10/2022 todos já haviam respondido o questionário. Optou-se pelo uso de questionário com ênfase na sua atuação para que se fosse possibilitado que os participantes pudessem expressar seus discursos no decorrer das respostas.

Se faz importante acentuar que todos que participaram foram apresentados à pesquisa, de forma que a autora explicitou o objetivo e em que se constituía o estudo. Tendo os sujeitos concordado com os termos e divulgação dos dados obtidos, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Com intuito de preservar a identidade de todos, foi solicitado que os pesquisados fizessem a escolha dos pseudônimos pelos quais desejariam ser tratados no texto. Dessa forma, trataremos os sujeitos como Anônimo, Jade, Solana, Josefina, Marvin, Lupita e Tybyra Potyguara.

4. PERCEPÇÕES DISCURSIVAS DOS AUXILIARES DE TURMA

Antes de dialogarmos sobre os discursos dos auxiliares de turma, consideramos importante fazer a caracterização da atividade. A atuação dos auxiliares de turma se dá através da modalidade de estágio remunerado não obrigatório³, destinado a alunos regularmente matriculados a partir do 4º período em cursos de licenciatura. A pessoa interessada deve ter disponibilidade de 20h semanais e não estar vinculado a nenhum estágio não obrigatório ou ter vínculo empregatício. A adesão do estágio se dá na secretaria municipal de educação, onde os licenciandos devem se dirigir ao local, portando a declaração de vínculo institucional, comprovante de residência e comprovar a disponibilidade de 20h semanais, que podem ser no turno matutino e/ou vespertino.

Tendo os documentos em mãos, os discentes de graduação são submetidos a uma entrevista e introdução da atividade, sendo posteriormente encaminhados para as escolas da rede municipal mediante a assinatura de um contrato de no mínimo seis meses, podendo ser renovado por mais um ano e seis meses, totalizando no máximo dois anos de atuação. De acordo com o documento que rege a atuação dos auxiliares está descrito como atribuições: “Acompanhar aluno com deficiência nas atividades propostas; Acompanhar o aluno com deficiência em atividades extrassala e extraescolar; Desenvolver o planejamento proposto pela equipe pedagógica.”

Ressaltamos que o auxiliar se configura como um elemento chave para a inclusão de estudantes com deficiência nas escolas, uma vez que atua diretamente com a pessoa com deficiência. Assim, com intuito de dar vozes aos sujeitos lotados em uma escola da rede municipal de ensino de Mossoró RN realizamos essa pesquisa de forma que, para a análise do estudo, optamos pela divisão das questões em quatro eixos temáticos conforme os objetivos específicos da nossa pesquisa. (Ver quadro abaixo)

Quadro 1 - Organização do roteiro da pesquisa

Objetivo Geral da pesquisa: Identificar os discursos dos auxiliares de turma diante da responsabilização com os estudantes com deficiência em uma escola do município de Mossoró-RN
Eixo temático I - Da preparação dos sujeitos para atuação enquanto auxiliar de turma

³ Estágio não obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, ou seja, não faz parte da horária padrão do curso.

Objetivo específico 1: Discutir a formação para o ensino dos auxiliares de turma	2. Qual seu nível de formação? Se for nível superior, especifique o curso. 3. Durante o seu processo de formação já participou de alguma disciplina e/ou atividade voltada para área da Educação Inclusiva? Se sim, qual?
Eixo temático II - A atuação dos auxiliares de turma	
Objetivo específico 2: Analisar as práticas inclusivas realizadas pelos auxiliares de turma	4. Em relação a sua atuação na escola, há quanto tempo você atua, em quais séries e com quantos estudantes? 5. Quais são as atividades que você desenvolve com os estudantes na escola? 6. Você conta com algum suporte da escola e/ou secretaria de educação para a realização de suas atividades? Se sim, quais?
Eixo temático III - Relações estabelecidas entre professor titular o auxiliar e estudante com deficiência	
Objetivo específico 3: Discutir as práticas inclusivas e discursos dos auxiliares de turma quanto a responsabilização com os alunos com deficiência	7. Como se dá o processo de interação entre os professores e estudantes público alvo da educação inclusiva na perspectiva da educação especial que você atende? 8. No que se refere ao planejamento de atividades para os estudantes público da educação especial, você atua junto aos professores na elaboração? Se sim, de que forma? Se não, por quê?
Eixo temático IV - Percepções dos auxiliares acerca do processo de inclusão escolar	
Objetivo específico 3: Discutir as práticas inclusivas e discursos dos auxiliares de turma quanto a responsabilização com os alunos com deficiência	9. Quais são as principais dificuldades enfrentadas durante a sua atuação enquanto auxiliar? 10. Como você analisa o processo de inclusão escolar dos estudantes com deficiência na escola?

Fonte: Produzido pela autora, 2022.

Dessa forma, trataremos no primeiro bloco sobre a preparação dos auxiliares de turma para o exercício da função, no segundo, discorreremos sobre a atuação dos auxiliares, terceiro eixo temático discute como se constitui a relação do professor titular com o auxiliar e estudante com deficiência, por fim, como quarto e último ponto, quais são as percepções dos sujeitos sobre a inclusão escolar.

4.1 Da preparação dos sujeitos para atuação enquanto auxiliar de turma

Toda atividade demanda empenho e formação, com a prática docente não é diferente. A educação, por ser uma ferramenta com o poder de transformar socialmente as pessoas, precisa estar alinhada com o tempo e os sujeitos que constituem a sociedade,

uma vez que na sala de aula não há espaço para o improviso, os professores precisam estar munidos de conhecimento para que junto ao seu alunado possa constituir aprendizagem significativa. Freire et al. (2020) destacam que:

O professor também precisa ser reconhecido como um dos principais instrumentos da educação, pois ele é facilitador do saber e tem o papel de direcionar os alunos a descobrirem o melhor de si, além de serem imprescindíveis no processo de construção da identidade. Dessa forma, o professor contribui diretamente como agente transformador da ascensão social. (FREIRE et al. s/p. 2020)

Como já enfatizamos aqui, os sujeitos participantes da pesquisa são discentes de graduação, sendo todos de licenciaturas e enquanto educador em formação, o auxiliar de turma também precisa saber direcionar os estudantes da educação especial juntamente com os professores regentes para que esses também possam almejar a sua ascensão social. É bem verdade que por ainda se encontrar em um processo formativo esses licenciandos ainda não tenham vivenciado práticas que propiciem conhecimentos mais direcionados para essa área de atuação.

Com vistas a identificar esses elementos questionamos aos participantes da pesquisa se durante o processo de formação pelo qual estão passando haviam participado de alguma atividade e/ou disciplina voltada para a área da inclusão. Como respostas obtivemos de quatro dos setes entrevistados a confirmação de que já haviam vivenciado práticas voltadas para a inclusão, onde destacamos a participação em disciplinas como Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que se constitui como modalidade obrigatória para licenciandos, psicologia da educação e psicologia da adolescência.

Os outros três participantes relataram que não obtiveram ainda formação na perspectiva da educação inclusiva/especial. Por se tratar de uma atividade que não demanda formação específica, os auxiliares não precisam necessariamente ter experiência para desenvolver a função, entretanto, seria essencial para uma atuação mais efetiva. Seguindo com a nossa análise mais à frente pretendemos dialogar sobre a atuação dos auxiliares na referida instituição.

4.2 A atuação dos auxiliares de turma

Percebendo a importância da educação inclusiva na perspectiva da educação especial, bem como compreendendo que o auxiliar de turma tem um papel fundamental para a promoção de uma educação eficaz e menos excludente, buscamos identificar quais atividades eles desenvolvem com os estudantes no âmbito da escola pesquisada. O

tempo de atuação de cada pesquisado varia muito, alguns já estão há seis meses, outros com quatro e uma pessoa com apenas cinco dias, na época em que se realizou a pesquisa. Ao responder à pergunta “quais são as atividades que você desenvolve com os estudantes na escola?” Os participantes relatam:

Auxiliar o aluno nas atividades em sala. (JADE)

De socialização, e práticas de escrita (MARVIN)

Interação, ensino e empatia (TYBYRA POTYGUARA)

Suporte principalmente na socialização. (LUPITA)

Tento deixar e explicar as provas de uma maneira mais didática, usando também de letras e números de brinquedos de aprendizagem que dê para o aluno tocar e sentir, realização das atividades em sala junto com o aluno, lendo e explicando até onde posso, socialização dos colegas com o aluno. (SOLANA)

Auxilio em dúvidas acerca das atividades passadas pelo professor e com o aluno especial desenvolvo pinturas, desenhos, brincadeiras em que possa entretê-lo por um tempo. (ANÔNIMO)

Desenho, pinturas e a alfabetização, já que a criança não sabe ler e escreve muito pouco (JOSEFINA)

Com base nas informações acima, desejaríamos dar destaque as falas de Solana, Anônimo e Josefina, onde é possível perceber que os auxiliares por vezes desempenham o papel do professor titular, de forma que, buscam metodologias para lidar com os estudantes em sala. A exemplo disso, Solana enfatiza quando descreve: “Tento deixar e explicar as provas de uma maneira mais didática [...]” ora, uma vez que as provas e atividades são adaptadas para as especificidades do estudante, basta que o estagiário auxilie na resolução.

Já Anônimo quando discorre que: “[...] com o aluno especial desenvolvo pinturas, desenhos, brincadeiras em que possa entretê-lo por um tempo.” Nos remete a ideia de que o estudante não está concentrando a atenção para as aulas e/ou atividades desenvolvidas pelo professor titular, ficando a cargo do auxiliar buscar forma de entretê-lo com brincadeiras quando na verdade deveria estar auxiliando com as atividades ministradas pelo professor

Enfatizamos que as devidas adaptações devem partir do professor da disciplina, aquele que está em sala ministrando conteúdos, do contrário, como o auxiliar pode fazer adaptações para as atividades e provas de todas as disciplinas do estudante com deficiência? Se nem mesmo o professor titular consegue dar conta de

tal feito. Quem dirá o auxiliar que ainda está em processo de formação, em que muitas vezes não viram os conteúdos voltados para áreas de atuação na educação inclusiva, tão pouco, possuem conhecimentos específicos das diversas disciplinas escolares.

Para que possam desenvolver a sua atividade com eficácia, é preciso que a comunidade escolar e demais seguimentos que constituem a educação estejam interligados e atuantes no que se refere a oferecer o suporte de que precisam esses auxiliares.

Faz-se necessário que o professor regente da turma, a escola e a família trabalhem em parceria com o profissional de apoio, para que este possa desenvolver em sua atuação maior eficácia na construção de conhecimento, compartilhamento de informações e conduzir da melhor forma possível a independência do aluno com deficiência. (SANTOS et al. p.2. 2021)

Assim sendo, pretendendo identificar se de fato ocorre essa interação mutua indagamos aos participantes, que quando questionados sobre o fato de receberem algum suporte da escola e/ou secretaria de educação para o desenvolvimento das atividades os pesquisados respondem:

Estou a pouco tempo no estágio, mas sinto uma carência de suporte para os estágios por parte da escola e da secretaria de educação, na questão de nos preparar para os desafios que vamos enfrentar, afinal a maioria de nós nunca tivemos contato com crianças portadoras de deficiência. (ANÔNIMO)

Pouco, a escola me fornece o alfabeto e apenas um professor (inglês) me ajuda com a prova, realizando uma avaliação diferente da dos outros alunos, sendo ela de traduções e pronúncia. (SOLANA)

O mínimo possível. (LUPITA)

Não, a escola as vezes disponibiliza folhas ou tintas (JOSEFINA)

A escola disponibiliza alguns materiais (TYBYRA POTYGUARA)

Não. (MARVIN)

Não. (JADE)

A carência na formação é sentida por aqueles que desempenham um papel tão essencial para a inclusão, a falta de suporte por parte das instituições e segmentos que deveriam possibilitar formações e auxílio faz com que esses sujeitos não se sintam preparados para enfrentar os desafios e exercer sua função. Isso pode ser sentido mediante as afirmações de Anônimo, onde o mesmo aponta a preocupação com os desafios e a carência de suporte.

Tal ausência de suporte e formação pode acabar comprometendo a eficácia da aprendizagem dos estudantes com deficiência pois os sujeitos que deveriam ser preparados para atuarem diretamente com a inclusão não dispõem das formações necessárias e muitas vezes não sabem como atuar frente aos desafios que a educação para a inclusão apresenta, à medida que recebem pouco suporte e quase nenhuma atenção. Se o exercício da profissão docente não se constitui enquanto tarefa fácil para aqueles que já possuem uma formação específica, se torna ainda mais desafiador para aqueles que estão com a graduação em andamento e que precisam atuar na promoção da inclusão de pessoas com deficiência.

4.3 Relações estabelecidas entre professor titular o auxiliar e estudante com deficiência

Como vimos na sessão anterior, há uma carência na formação dos auxiliares para o bom exercício de sua função, agora, veremos de que forma se estabelece as relações entre os professores, os auxiliares e estudantes com deficiência. Para tanto, consideramos importante trazer as falas dos participantes no que se refere ao processo de interação entre os professores regentes e os estudantes público alvo da educação inclusiva. Nesse sentido, Anônimo, Solana, Lupita, Jade, Josefina, Marvin e Tybyra Potyguara destacam que:

Inicialmente foi difícil a minha introdução em sala de aula, pois a criança não estava acostumada com a minha presença, assim teve uma certa resistência por parte dela. Também a uma carência de informações por parte dos professores, no qual apenas um me passou como esse aluno é em sala de aula, enquanto os outros não deram nenhuma informação como também nenhum auxílio. (ANÔNIMO)

Pouca, alguns professores apenas cumprimentam, esquecem que existe um aluno deficiente/ especial em sala de aula, e acabam não dando a atenção devida na hora de explicar algum assunto, deixando dúvidas e dificuldades ao aluno (SOLANA)

Os professores não tem a menor instrução e nem vontade de aprender como ensinar crianças com necessidades especiais, os poucos que tem interesse não passam disso, a própria escola não demonstra interesse algum. (LUPITA)

Não há atenção necessária que se é desejada. (JADE)

Muito pouco interesse dos professores, não dão nem um suporte (JOSEFINA)

Quase inexistente (MARVIN)

Mediano (TYBYRA POTYGUARA)

Essas falas nos causam uma certa preocupação sobre como de fato tem ocorrido a inclusão de pessoas com deficiências. Aparentemente ocorre um processo de integração do estudante do que a própria inclusão, uma vez em que a pessoa com deficiência está em sala, mas não conta com metodologias e atenção devida do professor para o seu desenvolvimento pleno. Ou seja, estão presentes, mas não são inclusos nos planejamentos e nas aulas.

Percebe-se, nesse sentido, uma fragilidade no trabalho desempenhado pelos professores, já que a atuação para que haja a inclusão deve acontecer de forma integralizada. Quando o professor não considera aquele estudante também como sua responsabilidade, nega a ele o direito de aprender e de se sentir pertencente ao ambiente escolar, tratando-lhe como um sujeito à parte, a quem não merece sua dedicação e esforço para que minimamente se sinta um sujeito de direito.

O ato de invisibilizar a pessoa com deficiência contribui para que perpetue as desigualdades sociais e preconceitos. É preciso que sejam dadas condições iguais de aprendizagem para todos, situações como essa de segregação em sala de aula não podem mais ser naturalizadas. É comum vermos a adesão de discursos enfatizando que as pessoas com deficiência têm espaço na sociedade, que podem frequentar as escolas regulares, que farão parte do processo de aprendizagem, mas na prática, é como se esse ou essa estudante com deficiência fosse um sujeito à parte, sendo de inteira responsabilidade do auxiliar.

A responsabilidade inclusiva do estudante com deficiência parece que compete muito mais ao auxiliar, e não aqueles que compõem a escola, em especial, os professores que são quem devem adaptar as metodologias e os conteúdos para torná-los mais acessíveis e didáticos possibilitando o entendimento e compreensão de todos.

Para o benefício do aluno com deficiência, deve haver contribuição das duas partes, pois tanto o professor quanto o estagiário são responsáveis por planejar, avaliar e resolver os problemas relacionados ao aluno. É imprescindível existir uma troca de experiências e saberes, porque mesmo que o estagiário ainda esteja em processo de formação, na maioria das vezes, é ele quem permanece mais tempo na sala, em todas as aulas, observando, conhecendo e ajudando os alunos. Dessa maneira, o estagiário pode contribuir com a prática desse professor, auxiliando-o a organizar estratégias de inclusão mais adequadas para o aluno com deficiência. (VICENTE; BEZERRA, p. 236. 2017)

A inclusão escolar ocorre a medida em que são feitas as devidas adequações estruturais, nos currículos e nas práticas pedagógicas com o propósito de propiciar a

participação e o desenvolvimento de todos. Nesse cenário, o planejamento participativo se constitui como uma forma de fomentar a inclusão uma vez que possibilita o compartilhamento de experiência com vista a proporcionar a inserção de todos os educandos.

Nesse sentido, a respeito da participação do auxiliar no planejamento das atividades dos estudantes com deficiência, os pesquisados apontam para a constatação do que temos acenado, a precariedade e negligência para com os estudantes. Os sujeitos da pesquisa evidenciam que:

Não participo do planejamento, pela questão dos professores não incluem o aluno que sou responsável, fazem atividades fora a parte por conta do estudante especial não ser alfabetizado, logo ficando atrasado comparado com a turma, assim também como os professores não conseguem saber como conciliar essa associação do aluno de educação especial com os outros alunos. (ANÔNIMO)

Tento na medida do possível, porém alguns professores são ríspidos em relação a inclusão dos alunos. (TYBYRA POTYGUARA)

Não, os professores não passam atividades adaptas para esses alunos. (JADE)

Não, pois os professores não tem o entendimento que eles também tem responsabilidade por esses alunos, acreditam que sejam um aluno a parte e colocam na responsabilidade apenas do estagiário. (SOLANA)

Não. (JOSEFINA)

Não. (MARVIM)

Não. Não recebo ajuda de nenhum ou nenhuma professor ou professora. (LUPITA)

O planejamento colaborativo é um elemento bastante importante e eficaz para o desenvolvimento da aprendizagem pois a partir dele, as atividades podem ser desenvolvidas em conjunto e melhor elaboradas pensando na promoção das potencialidades dos sujeitos. Entretanto, se assim não ocorre, o processo de inclusão deixa de ser eficaz, cabendo a indagação: o que esses estudantes tem feito nas salas de aula regular de ensino? Certamente estão no ambiente escolar em busca do desenvolvimento pleno de suas capacidades, porém, não há como as pessoas com deficiência se reconhecerem enquanto pessoas de direito em um local em que a sua presença é constantemente invisibilizada.

Se analisarmos, historicamente pessoas com deficiência não tinham o direito de estarem nas salas regulares de ensino, esse direito foi sendo adquirido ao longo dos tempos, nem sempre se pensou nas necessidades educacionais dos sujeitos com

deficiência. Poder estar nas salas regulares é uma conquista que deve ser valorizada por todos, no entanto, quando mesmo em sala o direito de aprender é negado, está sendo reforçado também o ideal de que aquele espaço não lhes pertence. A pouca atenção que alguns professores regentes destinam a esses sujeitos, certamente gera sentimentos de exclusão e não pertencimento dessas estudantes.

No próximo tópico temos o intuito de identificar de que forma os auxiliares de turma analisam a inclusão escolar, sobretudo na escola onde tem desempenhado a sua atuação, discutiremos sobre as principais dificuldades enfrentadas e uma breve análise de como avaliam o processo de inclusão.

4.4 Percepções dos auxiliares acerca do processo de inclusão escolar

Para a discussão desse tópico pretendemos focar atenção em torno de duas questões principais que dizem respeito as dificuldades elencadas pelos sujeitos acerca de sua atuação, como também, como eles avaliam a educação inclusiva na instituição. Enfatizamos que nesse último, alguns optaram por tratar da inclusão de uma forma mais geral sem que mencionasse as práticas na escola. Sobre as principais dificuldades enfrentadas, alegam:

Não ter o suporte e conhecimento necessário para atuar com esses alunos. (JADE)

*Falta de apoio e acessibilidade da escola, baixa remuneração (SOLANA)
Muitas, primeiramente, não temos nem uma disciplina na graduação que nos ensine ou prepare para essa situação, e também a secretária não faz nem uma formação de verdade, que possamos saber o básico para lidar com essas crianças. Depois vem a escola e professores, que não tem nem um interesse em fazer essa inclusão. (JOSEFINA)*

A maior dificuldade é a concentração e auxílio, manter o aluno calmo e concentrado em algo, já que não há muito acesso do que fazer com ele. E o auxílio por conta de não obter ajuda de professores que já estão a mais tempo com o aluno, mas que não dão suporte para nós auxiliares (ANÔNIMO)

Não possuir um material, não ter suporte do restante da escola (MARVIN)

Baixa remuneração ausência de suporte técnico e material (TYBYRA POTYGUARA)

Falta de instrução principalmente, falta de suporte tanto de materiais quanto de auxílio no desenvolvimento das atividades. (LUPITA)

Como podemos observar, muitos são os desafios para o exercício da função de auxiliar. a pouca instrução para lidar com os desafios da educação inclusiva, atrelado a isso, vemos a baixa remuneração, o que corrobora para a não valorização desses

sujeitos e conseqüentemente, das atividades desempenhada por eles. A pouca atenção dos professores regentes no tocante a trabalhar de maneira colaborativa com esses auxiliares com a finalidade de realmente promover a inclusão.

Durante todas as nossas discussões até chegar aqui, nos debruçamos sobre a responsabilidade que o professor possui com essa prática tão nobre que é a educação. No entanto, o que temos observado, pelo menos no decorrer de tal pesquisa, é que os professores estão se eximindo de suas obrigações para com a educação inclusiva e especial passando o bastão para aqueles que ainda se encontram no processo formativo enquanto futuro docente. Se os sujeitos com deficiência estão matriculados em todos os níveis e etapas de ensino, é preciso identificar o que se tem sido trabalhado com eles e se a educação de fato tem sido eficaz para proporcionar sua autonomia e desempenho. Entendemos que nesse cenário, cada ser é único, assim como as suas especificidades.

Mas, se observarmos do ponto de vista da natureza humana, todo ser é único, e todos aprendem, se relacionam e vivem de formas diferentes. Assim, cabe aos professores/educadores ter o olhar atento para essa pluralidade humana e constituir métodos que visem englobar todos na sala de aula. É por isso que o trabalho colaborativo é tão importante, porque possibilita que práticas e percepções diferentes possam juntar-se a fim de proporcionar uma aprendizagem realmente eficaz e com significado. Ficagna e Pieczkowski (2019) nos lembram que “A inclusão do estudante na escola impõe mudanças de atuação que são indissociáveis das mudanças de concepções de todos os atores envolvidos, seja no plano teórico, prático e, principalmente, ideológico.”

No entanto, o trabalho isolado que professores e auxiliares veem desempenhando pouco tem contribuído para uma mudança significativa e diminuição das desigualdades entre estudantes com deficiência e promoção de uma educação inclusiva. Os professores por já possuírem experiência deveriam estar buscando junto ao auxiliar, formas de desenvolver a aprendizagem do educando com deficiência ao invés de deixar para os auxiliares a responsabilização inclusiva.

Por fim, como item final da nossa pesquisa traremos as percepções dos auxiliares sobre a inclusão. Para que entendêssemos de que forma o auxiliar enxerga a inclusão buscamos indagá-los: Como você analisa o processo de inclusão escolar dos estudantes com deficiência na escola? Como respostas obtivemos:

Há descaso no quesito inclusão. (JADE)

Ruim, não é algo que está em pauta na escola num todo, por esses alunos terem auxiliares a escola se isenta da responsabilidade e da pauta: inclusão (SOLANA)

Muito precário. (JOSEFINA)

Melhorou um pouco com o passar dos anos, mas acredito que ainda tem muito a fazer para se trabalhar o aprendizado dos estudantes com deficiência. Temos que preparar os nossos professores para receber esses estudantes, pois muitas vezes os docentes não sabem como lidar com um aluno que tenha alguma deficiência e acaba prejudicando a inclusão desse aluno ao ambiente escolar. (ANÔNIMO.)

Ainda muito falho (MARVIN)

Algumas escolas carecem de estrutura como salas de AEE (TYBYRA POTYGUARA)

Muito insatisfatório. A falsa inclusão na prática é sobre parecer e não sobre ser, a preocupação maior é em ficar bem na fita e não em como introduzir de fato essas crianças a escola. (LUPITA)

Durante a nossa breve análise que aqui fizemos, foi possível identificar itens para os quais acenam os sujeitos da pesquisa, como o fato de o ensino para a educação inclusiva ainda ser muito insatisfatório e precário. Os apontamentos trazidos pelos estagiários auxiliares de turma nos fizeram refletir sobre determinadas questões. As instituições e profissionais que deveriam estar intimamente ligados com essa pauta pouco se mobilizam para de fato constituir uma educação menos excludente e mais emancipadora.

Ao invés disso, constituem práticas que segregam e limitam, e por vezes até impossibilitando o desenvolvimento pleno dos estudantes. Não é difícil nos depararmos com instituições educacionais acenando para o fato de que são inclusivas, que propiciam a participação de pessoas com deficiência nos espaços educacionais, mas infelizmente muitas vezes nos deparamos com cenários como os já relatados aqui pelos entrevistados. “A falsa inclusão na prática é sobre parecer e não sobre ser [...]”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que com a realização dessa pesquisa conseguimos alcançar o nosso objetivo de identificar os discursos dos auxiliares de turma acerca do processo de inclusão escolar de estudantes com deficiência em uma escola do município de Mossoró RN. De forma que a partir do relatado pelos participantes foi possível identificar que na referida instituição a inclusão fica a cargo do próprio auxiliar, onde esse por sua vez, não tem suporte e nem conhecimentos específicos pra suprir as demandas dos estudantes com deficiência. Tal situação acaba por comprometer o desenvolvimento pleno daqueles que são público alvo da educação especial na perspectiva da educação inclusiva.

Enfatizamos que se faz muito importante trabalhos como esses para que os sujeitos que atuam com educação especial e inclusiva tenham voz, para que possam chamar atenção dos órgãos responsáveis para que atuem de forma eficaz dispondo de materiais, métodos e formações que preparem os sujeitos para lidar com o cotidiano escolar do educando com deficiência, garantindo que o direito a educação de qualidade possa ser garantido. Vale lembrar que essa realidade mostra que o sistema de ensino precisa melhorar e proporcionar condições igualitárias para todos.

É preciso muito mais do que direcionar um auxiliar para esse estudante com deficiência, uma vez que quando chegam no contexto escolar o auxiliar não vai saber de que forma atuar e também não recebe o suporte necessário para tal. Não se pode mais fechar os olhos para a realidade que a sala de aula é um contexto plural em que o desenvolvimento de todos deve ser preocupação das escolas e dos professores, de forma que as metodologias devem ser estabelecidas visando alcançar todos os sujeitos.

Não há mais justificativas para se perpetuar o sistema educacional excludente. A obrigatoriedade de um ensino de qualidade que busca promover o desenvolvimento pleno do estudante com deficiência precisa ser cumprida, não é fácil, e justamente nesse cenário é que se percebe a importância do trabalho colaborativo, assim como, o dever de todos para com a educação. É essencial que todas as partes do sistema estejam agindo para propiciar a educação inclusiva a que as pessoas com deficiência merecem.

O trabalho é árduo, mas os frutos são bastante significativos, basta olharmos para a sociedade que queremos. Esse desejo de uma sociedade justa e igualitária está atrelado com um trabalho duro e significativo onde o Estado deve fazer sua parte, as secretárias cumprir com os seus deveres, as escolas devem estar sempre abertas e aptas

para receber todos, os professores precisam estar capacitados para o exercício da docência visando contribuir com o educando na busca do conhecimento de si, desenvolvimento de um pensamento crítico e dispostos a lutarem pelos seus objetivos.

Diante do exposto, cabe nos indagar: de que maneira podemos dizer que a inclusão é feita se nos deparamos com falas como essas? Qual a concepção de inclusão esses profissionais possuem? A resposta para tais indagações não se trata de algo fácil de obter, acreditamos para isso se faz mais que necessário um estudo aprofundado sobre a temática para uma melhor compreensão da situação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Política nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva**. Secretaria da Educação Especial. Brasília-DF. 2008.

BRASIL. **Resolução n. 4, de 2 de outubro de 2009**. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Brasília, DF. 2009.

BRASIL. **Lei nº 13.146**. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília – DF. 2015.

CUNHA, Nathália Moreira da et al. O perfil e a formação do estagiário mediador para suporte da educação inclusiva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 5., 2012, São Carlos. Anais... São Carlos: UFSCar, 2012.

FREIRE, Kátia Maria De Aguiar et al.. **Entre o discurso e a prática, afetividade e distanciamento: a formação de professores como caminho para o desenvolvimento e qualidade da educação inclusiva**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68545>>. Acesso em: 17 de outubro de 2022.

FICAGNA, Rosilei Gugel; PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. Percepção do segundo professor de turma: limites e contribuições no processo de aprendizagem dos estudantes com deficiência. **Praxis Educativa**, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 507-526, 2019. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Acesso em: 18 de novembro de 2022

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas *et al.* Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 414-430, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/41193>> Acesso em: 12 de outubro de 2022.

SANTOS, Khetlen Bitencourt *et al.* EDUCAÇÃO INCLUSIVA: os desafios da atuação do profissional de apoio escolar. **Revista Educação Básica em Foco**, [S.L.], v. 2, n. 2, p. 1-5, abr. 2021.

VICENTE, B. T.; BEZERRA, G. F. Estagiários e professores regentes como agentes do O processo de inclusão escolar: problematizando suas (inter)ações. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 214 - 244, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818382017214>. Acesso em: 11 set. 2022.

ZANATO, Caroline Borges; GIMENEZ, Roberto. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: um olhar sobre as adaptações curriculares. **@mbienteededucação**, Universidade Cidade de São Paulo, v. 10, n. 2, p. 289-303, jul./dez. 2017. <Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/30>> Acesso em: 03 de outubro de 2022.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

AUXILIARES DE TURMA E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA

O presente formulário pretende identificar as percepções discursivas dos auxiliares de turma a respeito do processo de inclusão escolar de estudantes com deficiência que são público alvo da educação inclusiva na perspectiva da educação especial. O mesmo se constitui enquanto ferramenta para realização do trabalho de conclusão de curso de uma estudante do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo.

- 1. Pseudônimo:**
- 2. Qual seu nível de formação? Se for nível superior, especifique o curso.**
- 3. Durante o seu processo de formação já participou de alguma disciplina e/ou atividade voltada para área da Educação Inclusiva? Se sim, qual?**
- 4. Em relação a sua atuação na escola, há quanto tempo você atua, em quais séries e com quantos estudantes?**
- 5. Quais são as atividades que você desenvolve com os estudantes na escola?**
- 6. Você conta com algum suporte da escola e/ou secretaria de educação para a realização de suas atividades? Se sim, quais?**
- 7. Como se dá o processo de interação entre os professores e estudantes público alvo da educação inclusiva na perspectiva da educação especial que você atende?**
- 8. No que se refere ao planejamento de atividades para os estudantes público da educação especial, você atua junto aos professores na elaboração? Se sim, de que forma? Se não, por quê?**
- 9. Quais são as principais dificuldades enfrentadas durante a sua atuação enquanto auxiliar?**
- 10. Como você analisa o processo de inclusão escolar dos estudantes com deficiência na escola?**